

antologia - Papel da arte na vida individual

por Félicien Challaye

(tradução e selecção de Cláudio Revel)

Observemos primeiramente que, na actual sociedade, a arte, de facto, é em grande parte uma tarefa, uma profissão que permite ao individuo viver e manter a família.

Isto é talvez uma necessidade; mas é uma triste necessidade. Os homens e mulheres que se dedicam às artes industriais, e que criam objectos simultaneamente belos e úteis, os músicos executantes e os actores, consagrados à faina de prodigalizar aos outros a comoção ou a distração, são, em verdade, trabalhadores que merecem uma retribuição em dinheiro e estima, tanto como os demais trabalhadores intelectuais ou manuais.

Mas é de lamentar que os criadores de estátuas ou quadros, de sinfonias e poemas, se vejam obrigados a produzir para ganhar a vida. Em primeiro lugar, ganham-na a miúdo muito mal. («Um artista, dizia Degas, ganha com que viver, mas só depois da sua morte»). Por conseguinte, têm uma fatal necessidade de produzir, inda que não tenham sentimento algum a expressar, inda que não estejam animados de inspiração alguma. E' fatal que, para aumentarem os seus recursos, multipliquem as obras medianas, em vez de levar a bom termo, lenta e amorosamente, a obra sonhada. Tratam de dar satisfação já ao mau gosto dos ricos, já aos vícios da multidão. Muitas vezes constituem o seu talento ao serviço de quem lhes paga, renunciando à independência magnífica que devia ser timbre do puro artista.

A arte não devia ser uma indústria nem um comércio. Deveria amar-se por si mesma: o que a ama verdadeiramente, deveria cultivá-la com todo o desinteresse. Para viver, seria preferível, havendo mister, exercer officio inteiramente diferente. Foi o que fizeram muitos artistas que amaram a beleza por si mesma: Cervantes era agente de negócios; Puget, decorador de navios; Schiller, professor de história; Chopin, professor de música.

Romain Rolland, comentando uma formosa carta de Tolstoi sobre esse tema, escreve: «A arte não deve ser uma carreira, mas sim uma vocação». E cita esta frase de Tolstoi: «A vocação só pode conhecer-se e demonstrar-se com o sacrificio que o sábio ou o artista fazem do seu repouso e bem-estar para seguirem a sua vocação». Nos tempos de hoje, pelo contrário, vemos

«uma multidão de inúteis que se fazem intelectuais para se afastarem do povo e evitarem trabalhos mais penosos».

Romain Rolland deseja uma sociedade em que o trabalho manual indispensável se reparta entre todos, o que desanimaria os preguiçosos e deixaria unicamente aos verdadeiros artistas a possibilidade de «praticarem a sua arte como aditamento».

A opposição, anteriormente frisada, entre o ponto de vista utilitário e o ponto de vista estético, indica que devemos procurar o verdadeiro significado da arte, não do lado do trabalho que proporciona alimento, mas sim do do passatempo. «O homem, com o belo, só deve recrear-se», dizia Schiller.

Para o artista, como para o amante da arte, esta, acima de tudo, é um passatempo, não exclusivamente, bem entendido. E' um passatempo requintado, uma distração superior, uma deliciosa diversão. Diz Fénelon apropriadamente: «O enfado que punge os outros homens no meio dos seus prazeres, não o conhece quem sabe ocupar-se na leitura».

O mesmo diremos doutras diversões de ordem estética. E se a alguém que busca o seu caminho devemos dissuadi-lo de aspirar a ganhar a vida «professando a arte», se neste sentido, segundo a frase inolvidável do pintor Degas, «devemos desaconselhar as belas artes», é mister, pelo contrário, aconselhar aos jovens e às jovens o cultivo dos seus gostos pessoais, exercitando-se, despreziosamente, nas artes para as quais sintam possuir algum talento, como o desenho, a aguarela, o canto, a música, etc. Será para elles a melhor das distrações.

Mas a arte é algo mais que uma distração comparável às outras. A arte é diversão, escape. A vida, às vezes, parece monótona, vulgar; desejaríamos fugir dela, para qualquer parte. Mallarmé exprimiu este sentimento em versos admiráveis:

«La chair est triste, hélas! et
j'ai lu tous les livres.
Fuir! Là-bas fuir! Je sens que
des oiseaux sont ivres
D'être parmi l'écume inconnue
et les cieux...»

Mas nem sempre podemos satisfazer o anseio de exóticas paisagens, a aspiração à viagem longínqua (além disso, como observa Gobineau, «saber viajar não é para todos, como o não é saber compreender, saber sentir, saber amar»). O artista pode esca-

par a essa existência frívola pela criação, o amador pelo gozo estético. A imaginação que se denominou *compensadora*, à realidade opõe o devaneio: a arte liberta-nos do real ministrando-nos as lindas quimeras que desejamos. A arte é fonte maravilhosa de esquisitos sonhos ao nosso alcance. Os que não leram «todos os livros» podem ler um novo livro; e sempre podemos voltar a ler um livro de que gostamos. Uns abrem o piano; outros vão visitar um museu ou uma catedral. E a vida mais uma vez começa a parecer diversa e nova como deveria parecê-lo sempre.

Até o inculto, curvado ao péso dum trabalho maquinal na nossa dura sociedade, «tem necessidade duma evasão periódica, por breve que seja, para os jardins do sonho: oferece-lhe o cinema, para esta viagem, bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, que sempre acharão compradores solícitos». (Emile Vuillermoz, *Le Temps* de 15 de Setembro de 1928).

A necessidade de fugir ao real é tão viva no homem porque no seu coração se acumulam e multiplicam os sofrimentos, as humilhantes dores causadas pela enfermidade, pela velhice ou pela miséria, o exaspero ante o triunfo da necessidade e da injustiça, as fundas tristezas nascidas do amor ou da morte. A arte pode mitigar ou fazer desaparecer tais sofrimentos, pelo menos em certas almas de eleição. A arte é refrigério, emancipação, libertação. Segundo o pessimista Schopenhauer, neste deserto da vida, onde uma sede ardente e insaciável atormenta o viandante, a arte é um oásis.

A arte não se limita a livrar-nos do vago fastio ou de sofrimento determinado: traz-nos ou pode trazer-nos inexaurível montão de encantadoras yulúpias. «O pensamento estético—disse muito bem o psicólogo alemão Groos—é o estado de alma dum dia de festa».

O novelista suíço Spitteler exprime pensamento análogo numa fórmula soberba: «A arte é um convite à felicidade». E' muito certo que a arte nos dá ânimo para viver nobre e alegremente. Quantos gozos delicados devemos aos esculptores da Antiguidade grega e aos construtores da Idade Média, a Ticiano e a Wateau, a Chopin e a Schumann, a Stendhal e a Verlaine! Quando nos deliciamos com a música, a eufonia conduz à euforia...

Temos de inscrever, além

disso, no activo da arte, as alegrias que aos seus devotos faculta a desinteressada contemplação do universo, porque—como a principio fizemos notar—foi a cultura artística que levou a humanidade e que leva o individuo a amar a formosura da Natureza. Ao universo conhecido pelos sentidos sobrepõe-se—segundo a frase de William James—um *sub-universo* estético: recordações de obras de arte embebem as nossas percepções auditivas e visuais, transfiguram-nas e engrandecem-nas. Quantas obras de pintores paisagistas ou de literatos descritivos ressurgem em nós ante os aspectos infinitamente variados da vida universal! Os murmúrios do bosque não nos comoveriam tanto se os não escutássemos através das recordações do *Sigefredo*.

E até no caso de um espectáculo da Natureza não provocar em nós uma lembrança precisa da obra de arte, a arte é que no-la faz apreciar, porque é ela que nos acostuma a uma desinteressada percepção do real.

Quantas alegrias não devemos, pois, a esta contemplação sugerida pela arte! Alegrias frescas e puras e contínuas; prazeres gratuitos, ao alcance de todos. Nos séculos XII e XIII o moralista japonês Chômei, na obra em que descreve as suas impressões de eremita, *Hôjôki* (Notas sobre uma choça de dez pés quadrados), observa que uma paisagem formosa é uma propriedade colectiva de que todos algum deleite podem colher: «Um formoso ponto de vista não é uma propriedade privada; nada há que me impeça disfrutá-la».

Encontramos a mesma ideia no formoso livro, já citado, *La possession du monde*, de Georges Duhamel: São o artista, o amante de beleza, quem verdadeiramente possui o mundo. Eles conhecem alegrias que não têm preço, vivem alheios a todo o negócio. São estas alegrias, sem embargo, o único absoluto e a única verdade. Onde elas faltam, inda cabe distração, verdadeira alegria nunca. «Não é lícito dizer que a arte pura não serve para nada: serve para viver. Serve para viver: da maneira mais prática e mais quotidiana». Os grandes artistas «revelaram-te uma vida profunda, alucinante, lírica. Ajudar-te-ão a possuir o mundo... A arte é o regalo supremo que os homens se proporcionam com as suas descobertas, com as suas riquezas».

(Continua na página dez)